

## Uruguai: a amarga pobreza dos que já foram muito ricos.

O povo que circula pelas calçadas da Avenida 18 de Julio, a mais importante da cidade, ainda não se acostumou a ver os soldados que há uma semana montam guarda nas portas da Universidade de Montevideú, ocupada pelo Exército, como tôdas as faculdades do Uruguai. Para os uruguaios o clima de violência generalizada é um fato nôvo na vida de uma nação que, apesar do empobrecimento dos últimos cinco anos, conservou até a declaração do estado de sítio, ocorrida há quatro meses atrás, uma aparência de tranqüilidade e democracia.

Agora, o medo e a desconfiança estão presentes até nas comemorações mais tradicionais da vida nacional. Na última semana, Artigas, o herói da libertação uruguia, foi homenageado pelo Governo e pelas Forças Armadas na Plaza Independencia, como é feito todos os anos; mas desta vez o povo não compareceu. Perto do local onde os jatos passavam em vôos rasantes e os canhões davam salvas de 21 tiros, os dirigentes da Associação dos Bancários — um dos sindicatos mais fortes do país — foram presos e conduzidos em ônibus requisitados a uma empresa de turismo. Já no começo da semana, as faculdades sem aulas apareceram cercadas por barricadas militares, o tráfego na vizinhança das escolas estava proibido, enquanto se multiplicavam os comunicados oficiais dizendo ao povo que não se aproximasse de vários pontos da cidade. A censura controlava todos os jornais, muitos dos quais apresentavam trechos em branco no meio das notícias que relatavam a morte de mais dois estudantes nos conflitos de rua.

**Estudantes mortos** — Desde janeiro deste ano o Governo começou a executar uma série de medidas para enfrentar o cerco cada vez mais apertado da grande crise econômica que envolve o país. Mas a inflação que atingiu 130 por cento em menos de um ano já havia empobrecido demais o povo para que ele aceitasse pacificamente o congelamento de salários. Inconformados com o aumento dos preços — em um ano, um maço de cigarros passou de 11 pesos para 45 e a passagem de ônibus passou de 5 pesos para 16 —, os uruguaios começaram a aderir às manifestações de rua e às greves. As paralisações de trabalho decretadas pela CNT — Convención Nacional del Trabajo — repetiram-se tôdas as semanas até que o Governo reagisse com medidas de exceção, mobilizando militarmente todos os trabalhadores dos serviços de refinação de petróleo, de telecomunicações, de trans-

FOTOS DE WALTER OBIOL MORQUIO

**Pacheco Areco: a política dos murros.**

portes, dos bancos oficiais e dos frigoríficos.

Os choques entre os estudantes e as tropas de repressão da Guarda Metropolitana, apoiada pela cavalaria da Guarda Republicana, tornaram-se desde então cada vez mais freqüentes e mais violentos, até que a morte do estudante Liber Alce, há um mês, nas proximidades da Faculdade de Veterinária, viesse romper definitivamente com o que restava da antiga tradição de calma da política uruguia. Duzentas e cinqüenta mil pessoas compareceram ao entêrro de Liber Alce, e novas manifestações de protesto surgiram com a morte de dois outros estudan-

tes no dia 20 de setembro — Hugo de los Santos, de 19 anos, e Suzana Pintos, de 28 —, o que veio traumatizar ainda mais o país já extremamente agitado.

**Política e murros** — Há dois anos, a eleição do Presidente Oscar Gestido tornava vitoriosa a tese de que se devia dar poderes absolutos ao nôvo Chefe do Executivo, no qual o Uruguai depositava as últimas esperanças de vencer a crise econômica da lã e da carne. Mas em dezembro de 1967, três meses antes do primeiro aniversário de sua subida ao poder, o Presidente morria vítima de enfarte cardíaco, já em meio a uma grave crise política. Junto com esse velho General conservador, o país enterrou suas esperanças de volta ao passado e à antiga segurança econômica. O Vice-Presidente assumiu o poder: Jorge Pacheco Areco. Ele é um ex-jornalista que começou sua carreira como cronista policial do jornal "El Dia" e ex-pugilista que certa vez declarou que o país só reagiria quando o Governo desse alguns murros. Pode-se dizer que há quatro meses, realmente, ele governa com a paixão de um homem empenhado numa luta corpo a corpo, mas o país reage de uma maneira que não é a que ele esperava. Contra o Presidente do Uruguai estão não apenas 20 mil estudantes inconformados mas também 400 mil trabalhadores e 280 mil funcionários públicos que a inflação torna mais pobres todos os dias, dessa pobreza amarga dos que já foram ricos. ○

**Estudante morto: os riscos imprevisíveis de uma intervenção policial.**